



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9755 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT19 - Educação Matemática

A pesquisa narrativa em Educação Matemática: constituição do pesquisador narrador

Adair Mendes Nacarato - UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

A pesquisa narrativa em Educação Matemática: constituição do pesquisador narrador^[1]

Resumo

O objetivo deste trabalho é buscar por indícios de desenvolvimento e agência profissional nas pesquisas narrativas de três educadoras matemáticas, participantes de um grupo de pesquisa que atua colaborativamente na construção de um referencial teórico-metodológico para pesquisas (com)narrativas. O corpus de análise é constituído de três teses de doutorado desenvolvidas na perspectiva da pesquisa narrativa. A primeira delas foi desenvolvida com licenciandos de matemática numa universidade federal e as outras duas desenvolvidas em salas de aula dos anos iniciais do ensino fundamental. O referencial teórico apoia-se nos estudos (auto)biográficos, na concepção de pesquisa narrativa de Jean Clandinin e Michael Connelly, nas ideias bakhtinianas e na perspectiva histórico-cultural. A pesquisa narrativa potencializa a tomada de consciência da própria constituição profissional e se constitui em dispositivo de autoformação.

Palavras-chave: Pesquisa Narrativa. Educação Matemática. Desenvolvimento Profissional. Agência Profissional.

Introdução

O uso das narrativas como fonte de dados ou metodologia de investigação vem se fazendo presente nas pesquisas em Educação Matemática nas duas últimas décadas. Um marco foi o trabalho encomendado na 32.ª Reunião Anped/2009, no GT19 Educação Matemática, sob responsabilidade do professor Elizeu Clementino de Souza. Na ocasião, os trabalhos apresentados e discutidos geraram um número temático da revista *Ciências Humanas e Sociais em Revista* (volume 32, julho/dezembro 2010). Desde então temos constatado o quanto a temática vem se ampliando e é possível identificar a polissemia que envolve os múltiplos sentidos atribuídos ao construto *narrativa* em outros dossiês temáticos,

como: Revista Educação, PUC Campinas, em 2013; Bolema, em 2014; e Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, em 2019.

Desde 2010 coordeno um grupo de pesquisa que se centra nos estudos (auto)biográficos e temos investigado as múltiplas possibilidades de pesquisas (com)narrativas, tanto como fonte de dados quanto como metodologia de pesquisa. O grupo tem uma dinâmica de trabalho que envolve estudos teórico-metodológicos e discussão das pesquisas desenvolvidas pelos mestrados e doutorados; há um processo de colaboração no grupo em todos os momentos de trabalho: na escolha das temáticas a ser estudadas; nas pesquisas de mestrado e doutorado em desenvolvimento, a partir de leituras críticas que contribuem com o pesquisador; na elaboração de trabalhos para submissão a eventos e elaboração de livros do grupo. Assim, há o reconhecimento de que o grupo tem uma identidade e essa reverbera nos diferentes trabalhos produzidos, trazendo indícios de como os participantes se apropriam dos discursos que nele circulam e os ressignificam para suas pesquisas individuais. Para este trabalho tomo como referência a pesquisa narrativa e suas contribuições para o desenvolvimento profissional de professoras-pesquisadoras e indícios de agência profissional.

A pesquisa narrativa e os modos de produção de pesquisa

Desde o início do grupo [2], a preocupação dos participantes sempre foi a construção de um caminho teórico-metodológico que pudesse subsidiar os pesquisadores de mestrado e doutorado. Inicialmente apoiamos-nos nos estudos (auto)biográficos e na pesquisa narrativa, na perspectiva de D. Jean Clandinin e F. Michael Connelly; no entanto, avaliamos a necessidade de ampliarmos os referenciais, buscando por autores que contribuíssem para a nossa compreensão do processo de produção de narrativas. Como a narrativa envolve um processo histórico e dialógico, constituído na alteridade, os estudos nas perspectivas bakhtiniana e histórico-cultural foram centrais para os modos de compreender e produzir sentidos para as pesquisas (com)narrativas. Dessa forma, conceitos como experiência, alteridade, excedente de visão, papel do outro, circulação de gêneros discursivos, mediação semiótica, dentre outros, foram incorporados em nossos estudos, orientando as pesquisas dos pós-graduandos, possibilitando a análise de construtos como: desenvolvimento, aprendizagem, identidade e agência profissionais. Embora esses conceitos sejam discutidos e significados no grupo, cada pesquisador, como sujeito singular, tem o seu estilo de escrita e os modos próprios de narrar o vivido, ou seja, “a singularidade irrepitível de cada sujeito e de cada ato constitui a base necessária e suficiente do ato ético responsável, situado, que compartilha com outros atos certas características identificáveis, mas é singular e irrepitível quanto à sua realização” (SOBRAL, 2019, p. 44). Assumimos nossos atos éticos e responsáveis como pesquisadores, respeitando o outro que colabora com a nossa pesquisa. A pesquisa narrativa pressupõe o ato responsivo e ético do pesquisador; daí a importância que este também se coloque como sujeito da pesquisa. Narrar a história e atribuir sentidos às experiências do outro, implica narrar a própria história e ressignificar suas próprias experiências, tomando consciência de sua própria identidade.

A pesquisa narrativa lida com a experiência humana. Como afirmam Clandinin e Connelly (2011, p. 30, grifo dos autores), apoiando-se nas noções de experiência de John Dewey, “um critério da experiência é a *continuidade*, nomeadamente, a noção de que a experiência se desenvolve a partir de outras experiências e de que experiências levam a outras experiências”. Com a narrativa “aprendemos a nos mover para trás (retrospectivamente) e para frente (Prospectivamente) entre o pessoal e o social, simultaneamente pensando sobre o passado, o presente e o futuro, e assim agir em todos os *millieus* sociais em expansão”

(CLANDININ; CONNELLY, 2010, p. 31).

Além das perspectivas desses autores, também consideramos as ideias de Jorge Larrosa para o conceito de experiência. “Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (LARROSA, 2014, p. 28) e, “o saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana” (p.30).

Na pesquisa narrativa, o pesquisador, imerso no contexto investigado, compartilha ideias, práticas, ensina, aprende, produz sentidos ao vivido e todo o material produzido nessas relações sociais são organizados numa intriga, num enredamento, construindo uma história a partir das múltiplas vozes dos colaboradores da pesquisa, sejam eles professores, futuros professores ou estudantes. Ele se (trans)forma e (trans)forma o ambiente investigado. Essas ações ocorrem num espaço tridimensional como postulam Clandinin e Connelly (2011, p. 85) envolvendo: a situação ou o lugar; a temporalidade ou continuidade (passado, presente e futuro); e a interação, envolvendo o pessoal e o social.

Um dos grandes desafios da produção de uma pesquisa narrativa é como situar a teoria no corpo do texto. Esse é um momento de tensão para o pesquisador. Fomos constituídos em modelos formalistas de pesquisa, em que a teoria deve aparecer desde o começo do texto, com amplas revisões temáticas sobre o tema; nossos relatos de pesquisa assumem um modelo canônico de apresentação: introdução, referencial teórico, metodologia, análise dos dados e conclusões, cujos resultados, muitas vezes, são generalizados. Na pesquisa narrativa, a teoria é construída juntamente com os dados empíricos, numa tentativa de unidade integradora nas histórias narradas, construindo sentidos para a experiência vivida. “A contribuição de uma pesquisa narrativa está mais no âmbito de apresentar uma nova percepção de sentido e relevância acerca do tópico de pesquisa, do que no de divulgar um conjunto de declarações teóricas que venham somar ao conhecimento na área. (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 75). Ou, ainda, “o pesquisador narrativo não prescreve usos e aplicações gerais, mas cria textos que, quando bem escritos, oferecem ao leitor um lugar para imaginar seus próprios usos e aplicações” (p.76).

Após uma década de estudos e pesquisas, alguns consensos já foram produzidos, talvez numa identidade singular do grupo: o pesquisador é sujeito da pesquisa e o texto inicia-se com o seu memorial de formação e a sua história se entrecruza com as histórias dos participantes da pesquisa; a teoria é construída ao longo do texto, articulando as múltiplas vozes (dos autores de referência e dos sujeitos da pesquisa) num enredamento que apresente ao leitor uma história plausível de pessoas situadas espacialmente e temporalmente em contextos culturais, constituídos por ferramentas de mediação cultural. Estamos aprendendo a ser pesquisadores narrativos produzindo pesquisas narrativas.

A pesquisa narrativa tem se revelado potencializadora de autoformação, desenvolvimento e agência profissional e possibilitam a tomada de consciência de quem somos, da nossa identidade. As discussões do nosso grupo têm caminhado para essa direção, abordando esses conceitos na perspectiva histórico-cultural. Para isso temos nos apropriado de teóricos como: James Wertsch, Sue Lasky, Nikolai Veresov e Doroty Holland. Estamos, por ora, engatinhando nessa construção teórica.

As pesquisadoras e a agência profissional

O *corpus* de análise é constituído por três teses de doutorado desenvolvidas por participantes do grupo na modalidade narrativa. Visando manter o anonimato do presente texto, utilizarei pseudônimos para as três pesquisadoras: Sara, Karla e Isabela. Elas são

participantes do grupo e Sara foi a primeira delas a desenvolver uma pesquisa narrativa, defendida em 2016, o que se constituiu em referência para as demais pesquisadoras. Sara atua numa universidade federal, num curso de licenciatura em Matemática e sua pesquisa foi desenvolvida com um grupo de seis licenciandos e a professora supervisora da escola básica participantes no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID); a pesquisadora atuou como professora e mediadora biográfica dos memoriais de formação desse grupo e sua história se entrecruzou com a deles em diferentes espaços formativos. Desde a produção desse trabalho, o grupo se dedicou a estudar essa modalidade de investigação e foi construindo um modo particular de compreender a pesquisa narrativa. Karla, pedagoga, defendeu sua tese em 2020 e realizou uma pesquisa da própria prática com seus alunos de 1º ano do ensino fundamental, de uma escola pública municipal e teve como foco o desenvolvimento do pensamento algébrico; Isabela, professora de matemática, também defendeu sua tese em 2020, e realizou a pesquisa numa turma de 3º ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal, na qual estabeleceu uma parceria com a professora da turma, e teve como foco a elaboração conceitual de relações espaciais. Ambas as pesquisadoras analisaram o próprio desenvolvimento profissional e a agência profissional e, no caso de Isabela, ela também considerou esses construtos com a professora parceira.

Lasky (2005), a partir da perspectiva histórico-cultural, interrelaciona os conceitos de identidade do professor e agência profissional; a autora considera a agência como prática mediada, com prioridade aos contextos sociais e ferramentas culturais, visto que o desenvolvimento humano ocorre nas relações sociais. “A agência do professor faz parte de uma dinâmica complexa; ela molda e é moldada pelas características estruturais e culturais da sociedade e das culturas escolares (...). Cada decisão que os professores tomam, as ações que eles executam, é simultaneamente uma consequência da ação passada e do contexto presente e uma condição que molda o contexto para ações futuras” (LASKY, 2005, p. 900).

As três pesquisadoras trazem em seus textos suas histórias e as dos sujeitos que participaram de suas pesquisas, num espaço tridimensional, olhando para o passado vivido no momento da pesquisa de campo, analisando o presente com as lentes de que dispõem e se projetando para o futuro. Sara analisa[3] o processo formativo que ela possibilitou aos sete participantes de sua pesquisa. Ao propiciar a produção dos memoriais de formação e promover a mediação biográfica e o compartilhamento nos encontros do grupo de estudantes e professora supervisora, a autora revela a sua agência como formadora, reconhecendo que as narrativas de vida são potencializadoras da tomada de consciência de si e de sua constituição profissional.

Karla envolveu seus alunos em práticas investigativas de aprender matemática e produziu narrativas pedagógicas de suas aulas, as quais foram tomadas como objeto de análise. Ao ter um olhar retrospectivo para sua prática profissional, ela analisou os indícios de aprendizagens dos alunos, assim como o seu desenvolvimento e agência profissionais, apontando os dilemas vividos e a sua capacidade de refazer-se e reaprender diante dos desafios de promover a elaboração conceitual de seus alunos em temas até então desconhecidos para ela.

Isabela, a partir de vários textos de campo, constrói sua narrativa, entrecruzando sua história com a da professora parceira na pesquisa, diante do desafio de ensinar para aprender e aprender para ensinar, pois ao longo da pesquisa vivenciou momentos de conflitos e desafios, diante de uma temática que ela e a parceira não tinham domínio para ensinar, mas a colaboração que se estabeleceu entre elas possibilitou a produção de um autêntico saber da experiência e foi determinante para o desenvolvimento profissional de ambas. A pesquisa revela o quanto as duas atuaram como agentes para a aprendizagem dos alunos e como elas aprenderam e se desenvolveram no processo.

A pesquisa narrativa se constitui em dispositivo de autoformação e revela o ato responsivo do pesquisador na relação com o outro e consigo mesmo.

Referências

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, J. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiência e história em pesquisa qualitativa. Uberlândia: EDUFU, 2011.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LASKY, Sue. A sociocultural approach to understanding teacher identity, agency and professional vulnerability in a context of secondary school reform. **Teaching and Teacher Education**, 21 (2005) 899–916.

SOUZA, Elizeu Clementino. Pesquisa narrativa, (auto)biografias e História Oral: ensino, pesquisa e formação em Educação Matemática. **Ciências Humanas e Sociais em Revista**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 2, p. 13-27, jul./dez. 2010.

[1] Pesquisa desenvolvida com apoio do CNPq, na modalidade pesquisador produtividade.

[2] Além dos mestrandos e doutorandos o grupo conta com a participação de pesquisadores externos, alguns egressos do Programa de Pós-Graduação em Educação da universidade, outros, participam como convidados.

[3] Dado o limite de caracteres para o presente texto não será possível trazer excertos das narrativas das pesquisadoras; apresento apenas uma síntese.